

Luís Paulo Faria Ribeiro

Para o arquitecto paisagista Luís Paulo Faria Ribeiro, conceber paisagens e espaços verdes é sobretudo uma paixão. O seu dia-a-dia divide-se entre a carreira de docente universitário no Instituto Superior de Agronomia e o trabalho desenvolvido no atelier Topiaris, onde cada projecto é um novo desafio, recebido com profissionalismo, criatividade e entusiasmo. Afinal, haverá maior satisfação do que constatar a vivência e a continuidade dos espaços projectados?

Horto do Campo Grande: Fale-nos um pouco do seu percurso profissional.

Luís Paulo Faria Ribeiro: Licenciei-me em Arquitectura Paisagista pelo Instituto Superior de Agronomia. Ao longo do curso tive o privilégio de aprender com os professores Manuel Sousa da Câmara, Edgar Fontes e António Viana Barreto, magníficos arquitectos paisagistas e verdadeiras referências para a profissão. A minha primeira experiência profissional foi ao serviço de Câmaras Municipais. Foi um trabalho muito interessante, mas de curta duração uma vez que, pouco tempo depois, fui convidado para leccionar no Instituto Superior de Agronomia. A carreira de docente universitário tem sido uma experiência extraordinária pela troca e partilha de conhecimentos com futuros colegas de profissão, mas é apenas uma das vertentes da minha vida profissional, pois também tenho o meu gabinete de arquitectura paisagista – Topiaris.

H.C.G.M.: E como surgiu a Topiaris?

L.R.: O atelier surge em 1988/89, enquanto projecto partilhado com mais alguns colegas. No início, tudo decorreu um pouco mais lentamente pois cada um mantinha as suas actividades profissionais paralelas. Actualmente, somos três sócios – eu, a Teresa Barão e a Catarina Viana. Formamos uma boa equipa, juntamente com os outros colaboradores, e dedicamo-nos por inteiro a este gabinete, embora, no meu caso, ainda mantenha a carreira de docente. É esta faceta da minha profissão que também me permite ajudar os jovens recém-licenciados a terem o seu primeiro contacto com o mundo profissional – o que se concretiza através dos estágios profissionais que oferecemos e que acreditamos contribuirão bastante para o seu crescimento.

H.C.G.M.: Até hoje, consegue destacar algum projecto como o mais importante que já tenha realizado?

L.R.: Cada projecto de arquitectura paisagista, exactamente por se relacionar fortemente com os sítios e com as pessoas, é sempre um novo desafio. Por isso, é com toda a convicção que defendo que no momento em que surge um novo projecto, este conquista-nos e torna-se automaticamente o mais importante. Só olhando para cada projecto de forma diferenciada, percebendo as suas particularidades e consolidando estratégias é que faz sentido exercer esta profissão. É um saber acumulado que vai valorizando um projecto a seguir ao outro. Por isso não existe "este ou aquele" projecto mais importante.

H.C.G.M.: E se falarmos em projectos mais marcantes?

L.R.: Esses, são muitos. Como por exemplo, os projectos de espaço público associados a novas urbanizações de grandes dimensões na área metropolitana de Lisboa, onde não existia nenhuma paisagem e tudo é feito de raiz. São expansões urbanas que necessitam de estratégias bem estudadas e testadas para que a curto/médio prazo se obtenham resultados, não só visuais, mas também ambientais, que contribuam de alguma forma para o bem-estar das pessoas.

Também posso destacar alguns parques urbanos. É o caso do Parque Temático da Madeira e dos jardins de Santa Luzia, no Funchal, que são jardins construídos em tecidos urbanos já existentes, o que exige outro tipo de estratégia.

Por outro lado, gostaria ainda de referir as intervenções que temos vindo a desenvolver em locais sensíveis: umas de carácter histórico e outras de carácter natural (trabalhos realizados nas ilhas da Madeira, Açores e Cabo Verde). Mais recentemente, destaco alguns projectos importantes no concelho de Vila Franca de Xira e que estão praticamente finalizados: o Parque Urbano de Vialonga, que é uma urbanização nova com um jardim feito numa quinta antiga, o que implicou o respeito pelo património cultural que ali existia no momento de desenhar a grande zona verde para aquela urbanização; e a Rua Alves Redol, em Vila Franca de Xira. Um projecto simples na sua forma, mas extremamente complexo ao longo do seu processo. Foi uma aprendizagem fantástica que nos permitiu perceber que "mexer" numa rua é dos trabalhos mais exigentes que pode existir. Esta rua central apresentava-se muito confusa, desorganizada e nada funcional. Conseguimos transformá-la num local agradável e a população reagiu muito bem ao resultado final, o que nos deixou muito satisfeitos.

H.C.G.M.: Que preocupações deverão estar sempre presentes na criação de qualquer projecto de arquitectura paisagista?

L.R.: A meu ver, existem três princípios que são transversais a quase todos os projectos. Um deles é o respeito pelo sítio em questão, ou seja, não existem dois locais idênticos no mundo e a percepção das características de cada local no que diz respeito às suas potencialidades e aos seus condicionamentos é crucial para o sucesso de qualquer projecto; o segundo princípio tem que ver com os destinatários da intervenção. É importante criar espaços que tragam algo de novo às comunidades. Quando estamos a desenhar temos de pensar sempre na utilidade que a população vai dar àquele jardim, a forma como se irá movimentar, onde irá passar mais tempo. A complementar, está o conhecimento, a competência técnica e a criatividade artística. É na associação destes três princípios que está a chave para criar um projecto de arquitectura paisagista que seja o mais coerente possível.

H.C.G.M.: Como surgiu a oportunidade de iniciar uma série de projectos nos Açores? Que tipo de trabalho tem vindo a ser desenvolvido?

L.R.: Recebemos alguns convites de contactos que já tínhamos, solicitando-nos a apresentação de algumas propostas, as quais foram aceites. Os primeiros projectos correram muito bem e é com enorme satisfação que continuamos a desenvolver projectos para esta região. Os Açores são detentores de jardins históricos magníficos, considerados património cultural. Tivemos o privilégio de trabalhar no restauro de alguns desses jardins, como é o caso do Jardim Público António Borges, em Ponta Delgada, e agora, mais recentemente, dos jardins da presidência do Governo dos Açores. São jardins paradigmáticos do



século XIX sendo que alguns chegaram até aos dias de hoje praticamente inalterados, o que é fantástico. Além das vivências que proporcionam à população, são verdadeiras obras de arte que souberam resistir à passagem do tempo e devem ser encarados como uma entidade patrimonial enquanto prolongamento do património arquitectónico.

H.C.G.M.: O projecto de arquitectura paisagista da Mata da Doca, em Ponta Delgada, é um dos mais recentes desafios do gabinete. No que consistiu este projecto de requalificação paisagística?

L.R.: A Mata da Doca foi um projecto interessantíssimo de realizar. Localizado na periferia da cidade de Ponta Delgada, na freguesia de Santa Clara, é um local que no passado já exerceu funções de recreio e que actualmente se encontrava abandonado e parcialmente ocupado pela construção da pista do aeroporto. A valorização paisagística deste espaço teve como objectivo prepará-lo para que funcionasse com uma zona verde urbana vocacionada para actividades de recreio, voltando a atrair a população. Estávamos então a intervir num elemento patrimonial que se apresentava como um terreno baldio, mas pelo qual as pessoas continuavam a ter um grande carinho.

H.C.G.M.: De que forma foi pensado o ordenamento do espaço?

L.R.: O jardim tem cerca de seis mil metros quadrados e o que quisemos foi aproveitar as condições que o local oferecia, ordenando o espaço no sentido de valorizar a paisagem urbana e proporcionar a maior diversidade de actividades no exterior às pessoas que dele irão usufruir. A situação da Mata, sobrelevada relativamente à envolvente e via urbana, torna-se mais interessante do ponto de vista sonoro e oferece uma vista magnífica para o mar. Os enquadramentos verdes foram pensados de forma a valorizar estes aspectos. Também irá haver um bosque de merendas (um conceito muito tradicional nos Açores) localizado numa zona com alguma arborização de bom porte e que proporciona sombras agradáveis. Também criámos grandes relvados para recreio, zonas de estadia mais tranquilas e outras zonas de recreio mais activo com equipamento dirigido aos jovens e às crianças. Acreditamos que será um espaço que voltará a atrair um público diversificado.

“Só olhando para cada projecto de forma diferenciada, percebendo as suas particularidades e consolidando estratégias é que faz sentido exercer esta profissão. É um saber acumulado que vai valorizando um projecto a seguir ao outro.”

H.C.G.M.: Garantir uma manutenção sustentável também se revelou uma preocupação?

L.R.: Sem dúvida, e é uma preocupação que está sempre presente na concepção e execução de qualquer jardim. Especificamente na Mata da Doca, optámos por um relvado contínuo pois é mais fácil de regar, cortar e manter, plantámos vegetação autóctone e optimizámos o sistema de drenagem, entre outras soluções. Tudo no sentido de minimizar os custos associados a uma manutenção futura.

H.C.G.M.: O que se perspectiva para o futuro da profissão?

L.R.: Penso que existem três grandes áreas que virão a assumir um potencial cada vez maior no âmbito da arquitectura paisagista. São eles a requalificação de espaços públicos já existentes; o turismo, nomeadamente os empreendimentos turísticos que pretendem marcar a diferença ao se enquadrarem nas características dos sítios onde estão localizados; e a recuperação do património histórico e cultural, um trabalho exigente, mas muito compensador e de grande mérito.